

WALTER BENJAMIN: PROGRESSO E POBREZA DE EXPERIÊNCIA

J. Francisco Saraiva de Sousa

“Uma miséria totalmente nova abateu-se sobre o homem com esse desenvolvimento monstruoso da técnica. [...] A nossa pobreza de experiência mais não é do que uma parte da grande pobreza que ganhou novamente um rosto, tão nítido e exacto como o do mendigo medieval. Qual o valor de todo o nosso património cultural (e da riqueza sufocante de ideias) quando a experiência já não o vincula a nós? (A nossa) pobreza de experiências não é uma pobreza particular, mas uma pobreza de toda a humanidade. Trata-se de uma espécie de nova barbárie” (Walter Benjamin, *Experiência e Pobreza*, 1933)

A ideia de que a modernidade produz uma degradação, declínio, pobreza ou perda da experiência aparece muito cedo nos ensaios de Benjamin, tendo sido abordada de maneira oscilante em função da conjuntura política, mas sempre no âmbito de uma reflexão fundamental e radical da modernidade que toma forma consumada nos ensaios sobre Baudelaire, nas *Teses sobre a Filosofia da História* e n' *O Livro das Passagens*. Neste último livro, o processo de depauperação ou empobrecimento (*Verkümmerung*) da experiência está ligado estruturalmente ao advento da manufactura e da produção capitalista de mercadorias e assume a sua configuração mais terrível com a emergência das indústrias modernas. A análise deste processo de empobrecimento da *"experiência inóspita e cegante da época da grande indústria"* apoia-se na obra de Karl Marx, *O Capital*. De facto, Marx mostrou que, no trabalho manual, *"a ligação entre as várias etapas da produção é contínua"* e que *"o operário fabril na linha de montagem experiencia essa ligação como autónoma e coisificada"*. A peça que lhe cabe surge no raio da acção do operário independentemente da sua vontade. E desaparece do seu controle da mesma forma arbitrária. *"Toda a produção capitalista"*, escreve Marx, *"tem em comum o facto de não ser o operário a usar as condições de trabalho, mas as condições de trabalho a usá-lo a ele, mas só com a maquinaria esta inversão adquire uma realidade*

tecnicamente concreta". No trabalho com a máquina, os operários aprendem a coordenar "o seu próprio movimento com o movimento constante e uniforme de um autômato" (WB).

A máquina domestica o trabalhador, através do adestramento, obrigando-o a adaptar os seus movimentos corporais aos movimentos constantes e uniformes dos aparelhos ou dispositivos técnicos. Deste modo, o trabalhador perde dignidade, degrada-se como pessoa e o seu trabalho torna-se "refractário a qualquer forma de experiência" e à aprendizagem prática. A perda da experiência implica a transformação dos seres humanos em autômatos ou bonecos mecânicos, aliás muito semelhantes aos ratos submetidos a tarefas de rotina nas caixas de Skinner ou aos cães de Pavlov: os gestos repetitivos, mecânicos e vazios dos trabalhadores, sobretudo dos trabalhadores especializados, reaparecem, como mostra Benjamin, nos gestos automáticos, mecânicos, uniformes, vazios e repetitivos dos transeuntes na multidão solitária das grandes metrópoles descritos por Edgar Poe e E.T.A. Hoffmann. Quer sejam trabalhadores manuais ou "intelectuais", os cidadãos comportam-se como seres adaptados à automatização, que só conseguem exprimir-se de forma automática. Perderam a Erfahrung e vivem apenas a Erlebnis e, especialmente, a Chockerlebnis, a vivência do choque, que desencadeia neles um "comportamento reactivo" de bonecos-autômatos que "liquidaram totalmente a sua memória", "a mais épica de todas as faculdades". O autômato é o homem que perdeu toda a experiência e toda a memória ou, como diz Benjamin num ensaio anterior (*O Narrador*), o homem destituído de "sabedoria" e, por isso, incapaz de "saber narrar a história", de "escutar" e de "dar conselhos". A imprensa, em especial o jornal, é, como observa Benjamin, um dos indícios que revela que os indivíduos se tornaram incapazes de assimilar à sua experiência os "factos exteriores", porque, "se a imprensa se tivesse proposto como objectivo que o leitor incorporasse as suas informações como parte da sua própria experiência, não alcançaria os seus fins. Mas a sua intenção é exactamente a oposta, e por isso ela alcança os seus fins": "isolar os acontecimentos em relação àquele domínio em que poderiam interferir com a experiência do leitor". Segundo Benjamin, a crescente redução da experiência manifesta-se na substituição do "antigo relato" pela "informação" e da informação pela "sensação". Os *mass media* tradicionais contribuem decisivamente para a degradação da experiência.

A redução da experiência é, em última análise, a destruição da tradição e a tradição significa um "traditum", isto é, qualquer coisa que é transmitida ou trazida para o presente do passado e que qualquer indivíduo transmite na hora da morte. Por isso, Benjamin distingue claramente entre a experiência (Erfahrung) e a experiência vivida (Erlebnis), tal como está plasmada na Lebensphilosophie, de Dilthey a Bergson, passando por Klages e Jung, que procurou apropriar-se da "verdadeira experiência", sem "partir da existência dos indivíduos em sociedade". O resultado dessa tentativa levada a cabo pela filosofia da vida revela-se na noção de *durée* de Bergson: "A *durée*, da qual foi apagada a morte, tem a infinitude de má qualidade de um ornamento. Exclui a possibilidade de integrar nela a tradição. É a quinta-essência de uma vivência que se pavoneia com o vestido emprestado pela experiência". Para Benjamin, a experiência constitui um traço cultural enraizado na tradição, enquanto a vivência ou experiência vivida reenvia para a vida particular do indivíduo, na sua inefável preciosidade e na sua solidão. No ensaio sobre Baudelaire, Benjamin afirma que "*a experiência é matéria da tradição, na vida colectiva como na vida privada. Constitui-se menos a partir de dados isolados rigorosamente fixados na memória, e mais a partir de dados acumulados, muitas vezes não conscientes, que afluem à memória*". Aquilo que os filósofos da vida deixaram escapar foi apreendido por Baudelaire: a evocação da experiência perdida e da "vida anterior". Em Baudelaire, "*as correspondências são os dados da rememoração. Não são dados históricos, mas da pré-história. Aquilo que torna grandes e significativos os dias de festa é o encontro com uma vida anterior*". O passado murmura nas correspondências de Baudelaire e a sua "*experiência canónica tem o seu próprio lugar numa vida anterior*", caracterizada pela harmonia, reciprocidade e cumplicidade entre o homem e a natureza. Baudelaire "*transformou os dias da rememoração num calendário anual do espírito*": os dias de festa rememoram a "Idade de Ouro" que, segundo Benjamin, é a sociedade sem classes, onde o homem vivia num estado de harmonia edénica com a natureza.

Para Benjamin, o vínculo que une a Erfahrung, a teologia e a concepção marxista da História é a rememoração (Eingedenken), a "*quinta-essência da concepção teológica da História*", a qual se relaciona com duas províncias da experiência perdida: a luta das gerações vencidas na História, vítimas do progresso, e, mais recuado no passado da Humanidade, o "Paraíso Perdido" ou a História Arcaica (Urgeschichte), do qual os homens foram expulsos pela tempestade do

progresso. No ensaio sobre Bachofen, Benjamin (1935) explicita o sentido histórico da Urgeschichte: não se trata do Paraíso habitado por Adão e Eva, anterior ao pecado que levou à expulsão, mas da experiência da "sociedade sem classes da pré-história", depositada e armazenada no "inconsciente colectivo", que, em ligação recíproca com o novo, incrementam a irrupção da utopia. Nessa sociedade sem classes, predominava uma "harmonia entre o homem e a natureza" que foi quebrada pelo progresso e que deve ser restabelecida na construção da sociedade emancipada do futuro. Fourier e Bachofen são assim as figuras de proa da nova e da arcaica harmonia. Fourier viu no jogo o modelo de um trabalho não-explorador/explorado, possibilitado pelo carácter altamente desenvolvido das actuais forças produtivas, no qual a acção seria irmã do sonho, e Bachofen apresentou a imagem ancestral da reconciliação, onde a natureza era vista nas sociedades matriarcais como mãe doadora. Na sua obra *Rua de Sentido Único*, no texto intitulado "Para o Planetário", Benjamin critica severamente o "marxismo vulgar", acusando-o de ter acompanhado os imperialistas no "grande assédio feito ao cosmos", consumado à escala planetária no âmbito do "espírito da técnica": "A dominação da natureza, dizem os imperialistas, é a finalidade de toda a técnica. Mas quem confiaria num mestre da palmatória que declarasse como finalidade da educação a dominação das crianças pelos adultos? Não será a educação, antes do mais, a indispensável ordenação das relações entre as gerações, e portanto, se quisermos falar de dominação, a dominação dessas relações geracionais, e não das crianças? Assim também a técnica não é a dominação da natureza: é a dominação da relação entre a natureza e a humanidade". Benjamin e Ernst Bloch, aliás na pegada de Engels e do Jovem-Marx, são dois dos primeiros filósofos marxistas a denunciar a devastação da natureza levada a cabo pelo capitalismo e pela sua mitologia do crescimento económico contínuo, num tempo em que todos, incluindo Kostas Axelos, faziam a apologia do progresso tecnológico, que supostamente conduziria a humanidade à emancipação e à abundância, sem questionar o seu impacto destrutivo sobre a saúde da natureza e do próprio homem.

Apesar da crítica de Adorno que denuncia no seu ensaio sobre Baudelaire a "sobrevalorização do arcaico", Benjamin não abandona a oposição entre o inferno do presente capitalista e o Paraíso pré-histórico e, com o recurso a Blanqui, vê o mundo moderno como um "inferno" completamente dominado pelo feitiço da mercadoria e, portanto, como um mundo da "repetição" e do "sempre-igual" (Immergleich)

disfarçado com a imagem da "*novidade*" e do "*mito angustiante e infernal do eterno retorno*". Neste universo da repetição, a humanidade só pode desempenhar o papel de "*condenada*", porque o novo repetitivo da produção mercantil não lhe fornece "*uma solução libertadora*" e uma proposta de "*renovar a sociedade*". A modernidade é, como diz no fragmento Parque Central, uma catástrofe e a poesia de Baudelaire é a única lírica a resistir ao progresso devastador, evocando a experiência perdida da "Idade de Ouro", isto é, a imagem dialéctica da idade edénica do passado e da comunidade sem classes (Bachofen). Só esta imagem de um paraíso perdido pode projectar a utopia no futuro. Porém, tal como Baudelaire, Benjamin tem consciência de que a rememoração não é suficiente para transformar o mundo. É preciso "*interromper o curso do mundo*", como desejava Baudelaire. Para Benjamin, compete à "revolução do proletariado" ou das classes vencidas da História operar a interrupção messiânica do curso do mundo. Alimentada e estimulada pelas forças da rememoração, esta revolução será capaz de restaurar a experiência perdida, abolir o inferno e a fantasmagoria da mercadoria e da moda, quebrar e rasgar o círculo maléfico do sempre-igual e libertar a humanidade da angústia mítica e os indivíduos da condição de autómatos. Isto significa que, na perspectiva de Benjamin, a revolução não é uma continuação do progresso ou mesmo um aprofundamento da revolução francesa, como pensava Marx nalguns dos seus textos, mas a sua interrupção redentora e a actualização da Erfahrung pré-histórica e/ou pré-capitalista. Na sua obra *O Livro das Passagens*, Benjamin afirma que "*a concepção autêntica do tempo histórico repousa completamente sobre a imagem da redenção (Erlösung)*". Isto significa que a revolução é simultaneamente utopia do futuro e redenção messiânica. Embora voltada para o passado, a busca pela experiência perdida orienta-se para o futuro messiânico. Deste modo, estabelecendo uma ponte com Ernst Bloch, podemos dizer que, afinal, o "*futuro redimido*" é uma "*restauração de um paraíso perdido*", aquilo a que a mística judaica chama "Tikkoun", e, tal como Karl Kraus, encaramos a revolução como um salto qualitativo em direcção ao passado: "Ursprung ist das Ziel" ("a origem é o objectivo"). Sei que neste momento Ernst Bloch estremece no seu túmulo, lembrando-me que "*a génese real não está no começo, mas no fim*". Sim, a génese real está no fim, mas a origem está no começo. A rememoração pode ser o feitiço da dialéctica de Hegel, como diz Bloch. Porém, a noção de actualidade de Benjamin é politicamente fundamental: ela lembra aos políticos que nunca deveriam sacrificar nenhuma geração em função de "metas

futuras" estabelecidas à luz do progresso. Nessa promessa vã, vejo o feitiço do futuro a justificar a miséria irremediável de milhares de pessoas que só têm uma vida para viver e esta única vida pode ser danificada por decisões políticas obscuras.

J. Francisco Saraiva de Sousa é licenciado em Filosofia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Estudos em Medicina na Universidade do Porto. Mestrado em Filosofia Moderna (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Doutoramento em Ciências Biomédicas (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto). Professor de "Teorias da Comunicação Social e Técnicas de Investigação" e do módulo de Bioestatística da disciplina de "Bioestatística e Epidemiologia", em Porto - Portugal.

Blog: CyberCultura e Democracia Online (<http://cyberdemocracia.blogspot.com>)